

O que uma etnografia com uma professora de funk em diferentes espaços na cidade do Rio de Janeiro pode nos dizer sobre a produção de gênero^{1,2}

Natália de Oliveira Melo (PUC-Rio)

Palavras-chave: Etnografia. Gênero, Rio de Janeiro. Funk.

INTRODUÇÃO

É uma quarta-feira, a aula está marcada para as 16h. Cheguei por volta das 15:30h. O Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro é um espaço lindo, tem o mar por trás que proporciona uma tranquilidade aos arredores. A estrutura do MAM forma salas abertas, pois como o próprio museu fica no primeiro andar, as paredes de concreto do espaço se estendem ao chão dividindo ambientes que têm, de um lado, espelho com o museu na parte de dentro, e, na parte de fora, o espaço aberto com vista para o mar, transformando-se em salas de aulas para jovens artistas urbanos.

Nesse dia, em especial, essas salas estavam cheias de pessoas fazendo aula, ensaiando, aprendendo as mais diversas atividades: teatro, dança urbana, balé... Percebo, também, gravações de danças, pois em algumas dessas salas improvisadas havia celulares posicionados para os dançarinos e dançarinas, e, para a minha surpresa, tinha até aula de forró.

Quando cheguei, fiquei circulando no espaço e esperando Duda, uma jovem professora de dança que estou acompanhando desde 2022. Vejo que ela chegou e está conversando com algumas mulheres, ao ir me aproximando ouço não só um sotaque diferente, mas uma língua estrangeira, julgo ser francês. Cumprimentei Duda e as mulheres e tive certeza de que eram pessoas que não falavam português e nem eram do Brasil, enquanto a gente esperava mais alunas para a aula que vou acompanhar hoje, eu e Duda fomos conversando e Duda me situa: Helô, que Duda conversava quando cheguei é uma “[...] *gringa francesa que mora na Rocinha, ela organiza essas aulas, essas turmas*³” que são feitas sobretudo de mulheres estrangeiras. Duda diz que essas aulas “[...] *é mais experiência, a cultura... as vezes a aluna vem só uma vez, tá no Brasil, amanhã*

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

² Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

³ Daqui em diante trago os trechos das falas de Duda nessa formatação

vai embora e quer a aula. Outras vezes vem passar um tempo e fecha aulas por esse tempo”.

Perguntei se para essa aula de hoje Duda conhecia alguma aluna e ela disse que não, e, de fato, conforme as “gringas” iam chegando, Helô ia apresentando-as à Duda. Fico surpresa, pois até então só tinha acompanhado Duda em aulas para brasileiras, principalmente brasileiras que moram na Rocinha, no projeto criado por Duda, o “do 0 ao funk” que visa dar aulas gratuita de funk para mulheres que moram em comunidades do Rio de Janeiro. Questiono Duda, então, qual era a diferença dessas alunas/aulas para as que eu tenho ido na Rocinha, Duda me responde: *“na Rocinha as meninas querem mais técnica e com as gringas é mais por prazer, que tem técnica também, mas lá é diferente. Aqui as alunas querem a experiência com o funk, o que significa que não é sério, mas é a experiência [...]”*

Esse é um trecho interessante do meu diário de campo para iniciar a discussão que pretendo aqui. A partir de trabalho de campo com Dudadancee⁴, uma professora e dançarina de funk que dá aulas do ritmo para diferentes mulheres em diferentes espaços na cidade do Rio de Janeiro, em sua mobilidade com o funk, que vai desde aulas gratuitas do ritmo para moradoras da comunidade da Rocinha até aulas pagas no MAM para mulheres estrangeiras que estão de férias na cidade, meu objetivo com este texto é discutir que na produção de gênero participam do processo também os distintos espaços públicos da cidade, ou seja, a construção de gênero com as aulas na Rocinha se faz por enredamentos heterogêneos das aulas no MAM, trazendo à tona as indeterminações de gênero.

Aqui, questiono: de que forma a produção de gênero em diferentes escalas se desenvolve junto a mobilidade de uma professora de funk que circula na cidade do Rio de Janeiro? Para isso, importa descrever sobre a mobilidade de Dudadancee na cidade do Rio de Janeiro pelo recorte da produção de gênero; e investigar com as indeterminações de gênero em diferentes escalas a partir da mobilidade dessa professora de funk na referida cidade.

Com o desenvolvimento do próprio campo, no qual, para esse artigo trago exatamente, na discussão, três trechos de trabalho de campo em situações distintas, apreendo que a produção de gênero, na verdade, faz parte de algo maior: o agenciamento

⁴ Em alguns momentos coloco o nome de Duda assim pois é a forma de encontrá-la no seu perfil oficial do *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/dudancee/>. Acesso em 21 ago. 2022.

feminista de Duda que esbocei anteriormente (Melo; Mizrahi, 2023) e que aqui retomo para dialogá-lo com a mobilidade de Duda em distintos territórios da cidade.

Para tal, mais a frente trago as seguintes situações: um dia em campo acompanhando Duda no seu pleiteio para que o projeto “do 0 ao funk” aconteça num espaço organizado pela prefeitura do Rio de Janeiro, a Casa da Juventude; um dia de ensaio com dançarinas que Duda está coreografando e produzindo para o show do DJ guiguinho tenebroso, mais ainda, ela é responsável pela organização da agenda de apresentações das dançarinas; e, uma ida a um baile funk no Complexo do Alemão onde Duda vai se apresentar como dançarina e que, o que acaba sendo mais interessante, no dia do trabalho de campo em questão, é a presença de sua “comadre” puérpera.

O horizonte teórico que tem me ajudado a levantar questionamentos é o do feminismo com a antropologia, incluindo os desconfortos oriundos desse diálogo (Strathern, 2006; Brah, 2006). Quem me inspira na discussão em torno das mobilidades cidadinas através da sua produção etnográfica no Rio de Janeiro e as ambiguidades que emergem dessa circulação é Mizrahi (2014, 2018, 2019). Já na esfera das indeterminações em torno do gênero Hill Collins e Bilge (2021), Davis (2016) e Crenshaw (1989, 1991) são importantes nomes para o debate, principalmente pelo diálogo do gênero com outros marcadores como raça e classe, fortalecendo a presente pesquisa no aprofundamento epistemológico da interseccionalidade. Butler (2019, 2019a), Tsing (2015, 2019) e Abu-Lughod (2020) são pensadoras que me direcionam simultaneamente na inquietação das construções de gênero e nas indeterminações de fazer pesquisa com a etnografia através desse enquadre.

A seguir trago a discussão propriamente dita para argumentar o que pretendo com esse texto, a agência de Duda, enquanto professora de funk, a partir das suas relações com outras mulheres, inclusive “gringas” nas complexidades feministas que emergem desse emaranhado.

DUDADANCEE, SEU AGENCIAMENTO FEMINISTA E SUA MOBILIDADE JUNTO AO FUNK CARIOCA: PROFISSIONALIDADE, DANÇARINAS E UMA MÃE PUÉRPERA

Tem feito parte, também, do meu trabalho de campo, acompanhar Duda em momentos mais burocráticos de agenciamento da sua própria carreira, onde ela tem que

diligenciar sua atuação, enquanto professora, nos espaços. É o que vou trazer como o primeiro relato aqui, um dia que acompanhei Duda na sua reunião com as representantes da Casa da Juventude, no centro do Rio de Janeiro, um espaço promovido pela prefeitura do município em questão com aulas gratuitas destinadas principalmente para o público jovem. Alguns dessas aulas fazem parte de cursos com certificação para profissionalização da juventude periférica, já em outras ocasiões há aulas de dança, arte e cultura.

Combinamos de nos encontrar no espaço às 14h. Chego por volta das 13:30 pois, como não conhecia o espaço, e, principalmente, o trajeto até o mesmo, ou seja, vou descobrir como fazer o deslocamento até a Casa, prefiro ir com antecedência. Chegando no espaço, quem me recebe é um moço negro retinto, jovem, um pouco tímido, porém, atencioso. Ao entrar percebo que é um ambiente novo, as paredes estão recém-pintadas de branco, não há manchas, e, é possível até sentir um cheiro de tinta fresca. Pergunto ao moço se de fato minha percepção do ambiente condiz com a realidade e ele confirma que foi inaugurado há poucas semanas.

Pouco tempo depois Duda chega, me abraça em forma de cumprimento, se apresenta ao recepcionista e diz: *“eu vim ver Mariana, combinei com ela às 14h”*. O moço, meio que denuncia com sua expressão que Mariana não está e que não faz ideia dessa “reunião” marcada, sugere que esperemos um pouco até ele mandar algumas mensagens para nos informar algo. Pouco tempo depois ele diz que Mariana, a responsável pela Casa, não está, mas que a Psicóloga da instituição vai nos receber.

Pouco tempo depois, chega uma jovem adulta branca, cabelos pretos e cacheados com o crachá do espaço com seu nome e sua função na Casa. Ela se apresenta à Duda - e a mim - e nos chama, então, para a reunião. Andando pelo espaço até chegar à sala que a Psicóloga está nos levando, percebo que há muitas salas, algumas com espelhos enormes, outras com materiais de manicure, barbearia, cabeleireiros, depilação... salas diversas. Chegando em uma sala específica, há outras duas mulheres sentadas em frente aos seus respectivos computadores e mesas - como elas também possuem crachás, entendo que trabalham na instituição -, uma delas nos oferecem cadeiras para nos sentarmos e a Psicóloga pede, de forma casual e atenciosa, que nos apresentemos, trata-se de uma apresentação para algo sério, um trabalho, e, nesse momento, as funcionárias da Casa estão sentadas à nossa frente, esperando que falemos algo.

Duda começa a falar com muita tranquilidade e eloquência, para a minha surpresa, pois ela parecia estar preparada para se apresentar, argumentar em defesa do seu projeto

e explicar o porquê da sua - da nossa - visita, já que na sua exposição ela me coloca como mais um elemento do seu discurso. Essa fala de Duda eu resolvi trazer por completo, pois muito interessa ao que argumento nesse Artigo:

Então, primeiramente muito obrigada por ouvir a gente...eu tenho um projeto de aulas de funk pra mulheres, para resgatar a feminilidade, o empoderamento, a saúde mental... essas aulas de funk são do rebolado básico, da pélvis, porque muitas vezes essas mulheres perderam a autoestima... eu dou essa aulas há mais ou menos 2 anos na Rocinha, num espaço bem legal, bem incrível lá, a C4, mas atualmente está de reforma e aí eu conheci a casa da juventude na aula de samba de Patrick e pensei: 'que sonho seria ter meu projeto aqui, porque é no centro, um lugar central, perto de tudo, ia poder atender outras mulheres..' e o projeto é muito especial, recebo muitos relatos de mulheres que saíram da depressão com as aulas, às vezes um marido que não vê elas mais com o mesmo corpo e o funk vem e resgata isso, às vezes elas vão envelhecendo, filhos e não tem mais o mesmo corpo, aí o projeto ajuda a resgatar isso de volta, empoderamento, feminilidade, autoestima, conhecer o próprio corpo... tudo isso com o funk... e essa é a Nat, vai Nat se apresenta.

Duda me pega completamente de surpresa, de fato, pois eu não esperava me apresentar também, até aquele momento eu me via apenas como uma pesquisadora em campo, em mais um dia de campo. Mas, começo a falar, mais nervosa e menos articulada do que Duda e digo que estou fazendo uma pesquisa de doutorado com Duda sobre educação, funk e gênero vinculada à PUC-Rio, que minha orientadora fez a pesquisa dela com o saudoso Mr. Catra (é nesse momento que as pessoas envolvidas expressam surpresa, espanto, admiração, pois é “o” Mr. Catra...). Digo, também, que quando comecei com a pesquisa queria fazer com uma mulher do funk e então conheci Duda através do projeto, em 2022, à época perguntei se poderia acompanhar ela, e, desde então, estamos juntas fazendo essa pesquisa.

Quando acabo de falar, a Psicóloga diz: “nossa que interessante, tem tudo a ver com a casa...a maioria das nossas estudantes são mulheres pois temos cursos para mulheres, quer dizer [ela mesmo se corrige] são cursos para todas as pessoas, mas a maioria do público é mulher, então seria muito interessante... como seria a divulgação, inscrição e etc?”. Duda assegura que cuidará da divulgação, pois “tem um público” no *Instagram*, mas que também a ajuda da Casa na divulgação contribuiria para chegar até mais mulheres. Duda deixa claro que é uma aula para mulheres e complementa: “e eu tenho uma rede de apoio, de outras professoras que estão aprendendo a ser professora, então elas vêm também”.

Agora, nós quatro - Duda, eu, a Psicóloga e as duas mulheres em seus computadores - falamos da importância de iniciativas para mulheres, principalmente para

àquelas em situação de violência e o quanto o funk pode ser poderoso para esse resgate da autoestima e do próprio corpo. Cada uma de nós falando do seu lugar, inclusive profissional, mas em um só discurso, não no sentido de homogêneo, mas no sentido de intenção política, a feminista. A Psicóloga diz, então, que passará “com muito carinho” essas informações para Mariana que logo entrará em contato com Duda. Nos despedimos, eu e Duda saímos da sala, seguimos até a recepção, nos despedimos do recepcionista e vamos andando até o VLT juntas, pois eu vou para a Central e Duda também.

No caminho Duda diz que ficou animada com a recepção, que seria interessante que a Mariana estivesse lá, mas que foi legal a reunião. Ela adiciona: “*eu esperava uma reação ruim por ser um projeto de funk pra mulheres falando de rebolado, fiquei surpresa*”. Eu digo que percebi que Duda enfatizou a questão do rebolado, da pélvis e ela defende:

Eu começo assim logo para não ter dúvida... por exemplo, lá na C4 quando fui apresentar, era um homem então eu tive que chegar grandona, falar firme porque se não homem não respeita mulher, mas achou que o querido lá era um fofo, me atendeu super bem e deixou já o horário agendado pra mim, ai eu comecei a divulgação e na primeira aula pareceu 50 mulheres, eu fiquei chocada! [...] Eu tava com vontade de fazer esse projeto e pensando cara eu preciso fazer isso, sentei, botei no papel e apresentei a C4 e ai deu certo.

Nosso Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) chegou, misturamos a conversa com outras questões, até de cunho pessoal, e quando chegamos na estação de trens Central do Brasil, nos despedimos e Duda diz: “*quando eu tiver notícias de Mariana, te aviso*”. Eu agradeço por ela ter me chamado e digo “até a próxima”.

Seguindo para a segunda narrativa do campo a fim de organizar o argumento do presente texto, na terça-feira eu havia encontrado Duda para participar da primeira aula de funk na Casa da Juventude, já fruto positivo da reunião que relatei anteriormente. Após a aula, na hora da despedida Duda olha para mim enquanto organiza sua bolsa para ir embora e diz: “*ih, quinta vou ensaiar as meninas para o show do DJ guiguinho tenebroso na Rocinha, bora?*” eu respondo: “só dizer a hora e o local que te encontro”. Acertamos os detalhes e então chegou a quinta-feira. Encontrei Duda no asfalto, pedimos uma moto para cada e subimos até o “espaço gávea” onde seria o ensaio.

Chegamos no lugar, um espaço de festa que tem uma vista bem linda para o mar do Rio de Janeiro, parece um quadro, aliás, não me acostumo com a beleza dessa cidade, nunca. No salão é como se tivesse tido uma festa na noite anterior, então estava tudo meio bagunçado, eu e Duda tentamos organizar para pelo menos ter espaço para as meninas

ensaiarem e colocamos sete cadeiras brancas de plásticos para nos sentarmos. Uma mulher de meia idade chega, cumprimenta Duda e informa que está tendo uma pequena reforma na parte de cima do espaço, Duda diz que tudo bem e pergunta se DJ guiguinho tinha avisado que elas iam ensaiar aquela manhã no espaço, a mulher diz que sim.

Nesse meio tempo as dançarinas vão chegando. Duda havia me sinalizado que nem todas são profissionais, uma, inclusive, é uma moradora da Rocinha, que não tem tanta técnica, mas que o DJ insiste em colocá-la para dançar. Outra, era uma dançarina e professora em formação que tem acompanhado Duda mais de perto e Duda busca aperfeiçoá-la como professora para lhe substituir quando necessário. Essa, especificamente, eu já conhecia de outras aulas, a Ágatha, Duda lembra que a gente já se conhece: *“ah tu já deve ter conhecido ela nas aulas do 0 ao funk”*. Eu confirmo. Há, ainda, nesse grupo que Duda está ensaiando, uma mulher mais velha, mais experiente, que no passado fora dançarina e que atualmente está retomando a carreira. Nessa breve apresentação que Duda fez das mulheres que vou conhecer hoje percebo que são mulheres diferentes, que vêm de lugares distintos – não exatamente socialmente, mas de experiências próprias de vida – e me interessa observar como Duda vai agir profissionalmente hoje em relação com essas mulheres, já que hoje ela não é professora, mas produtora e coreógrafa do show.

Aliás, Duda tinha me esclarecido, em um outro dia, que dirigir um show, coreografar e dançar são funções completamente diferentes. Ela, no campo de hoje seria produtora e coreógrafa e essa oportunidade surgiu porque ela também era dançarina do DJ em questão e após determinado show, com um palco muito pequeno e com muitas dançarinas teve que alertá-lo: *“tu sabe que precisa de alguém pra produzir, pra coreografar e pra dançar ne? porque são coisas diferentes”*. E, após esse ocorrido, ela aceitou produzir o show do DJ - que se trata de organizar a dinâmica da apresentação, a luz, a presença do DJ e das dançarinas - e também coreografar a dança. Embora as duas funções tenham relação, Duda faz questão de afirmar para mim, mais de uma vez, que são trabalhos diferentes.

As dançarinas vão chegando para o ensaio. A primeira a chegar é Letícia, uma moça que parece ter acabado de chegar na casa dos 20 anos, negra, magra, com cabelo preso, cílios postiços. Essa é a jovem moradora da Rocinha que Duda disse que não tinha tanta técnica e era dançarina do show a pedido do DJ. Em seguida chega Ágatha, a professora em formação que eu já conheço, uma jovem de cabelos ruivos pintados e pele de um marrom mais bronzeado, que chega avisando que demorou mais um pouco porque

teve que deixar sua filha sozinha em casa para vir ensaiar. Ágatha tem duas filhas crianças. Pouco tempo depois chega Débora, uma mulher de seus 30 e tantos anos, talvez até 40, cabelos cacheados e com um tom semelhante ao de Leticia. Quando ela chega vejo que se trata da dançarina mais velha que Duda havia me dito, e, depois do ensaio em si, eu e Duda no metrô, ela me relata que é mais difícil de lidar com Débora, porque *“nas antigas ela era dançarina junto com outra dançarina Cacau, de um DJ famoso na Rocinha. A Cacau estudou, se especializou e hoje é dançarina de MC Rebekka, já Débora carrega um rancor por não ter progredido também [...]”* e esse enredo, na visão de Duda, faz com que Débora seja mais difícil de obedecer às regras, porque acha que já sabe.

O ensaio começa com essas três dançarinas – está faltando outras duas, segundo Duda – e durante esse tempo vou observando como Duda se articula enquanto coreógrafa, sua relação com as outras dançarinas e as relações entre as mesmas. O calor começa a fazer efeito, mesmo sendo meados de abril, onde teoricamente o verão já tem acabado, mas os corpos suados contradizem a estação que estamos segundo o calendário, o outono. Duda diz que seria bom comprar água, eu me ofereço para ir pegar no depósito de bebida que vi em frente ao espaço, ela diz que o DJ não mandou o dinheiro, pega seu celular e grava áudio pra ele: *“e ai, guiguinho, tu devia para água pra gente né? eu ein.”* Enquanto o DJ não responde, o ensaio continua.

Duda está repassando com as dançarinas os passos dos ensaios anteriores, e nesse repassar acontece alguns ajustes pontuais, como: no passo com a mão no chão rebolando, ao invés de ficar com o joelho também no chão, Duda instrui para que deixem o joelho sem tocar para que não se machuquem: *“como a gente não tem joelheira, melhor não ficar no chão”*. Débora diz: *“bem que guiguinho devia dar joelheira pra gente né?”* Duda responde: *“nem a água ele pagou e nem me respondeu ainda”* Todas riem.

Quando o ensaio já está avançado, chegam as outras duas dançarinas, Bruna e Natália, a primeira, uma jovem negra, na faixa etária de Ágatha, de cabelos presos, que justifica seu atraso devido a alguma demanda em relação ao filho; já a segunda é uma mulher que aparenta ter idade mais próxima à Débora do que das demais, quando nos cumprimenta justificando seu atraso devido ao trânsito, noto que se trata de uma “gringa”, termo usado em campo para nomear pessoas que não são do Brasil. Bruna é da comunidade da Rocinha e Natália veio da Argentina e mora no Brasil, ambas são dançarinas de funk.

Em um momento posterior tento instigar em Duda essa questão de ter professoras e dançarinas de funk “gringas”, ela reage:

É, eu trabalho, falo, faço as coisas, tem gente que nem isso faz, como a galera do passinho, mas na hora que eu for montar alguma coisa eu prefiro a galera que é daqui... eu ensaio, danço trabalho junto mas sempre digo: é nosso, porque muito gringo vem, aprende e vai lá ensinar o funk todo errado, usando outros nomes que eu usei... não to dizendo que nat faz isso, nat é ótima, eu amo ela, mas tem gente que faz...

Para esse breve trecho, o que trago de interessante não é o ensaio em si, os aspectos técnicos da dança, mas as articulações de gênero que vejo se desenhado entre mulheres tão diversas, onde a principal semelhança é a profissão junto ao funk carioca. Melhor dizendo: as agências dessas mulheres, principalmente Duda, em relação ao gênero em suas respectivas profissões no funk.

Na sua função de coreógrafa e produtora do show, Duda a todo momento está reforçando a dinâmica da apresentação, o meio e o “desenho” do palco, pois as dançarinas têm que ficar em posições estratégicas para que seja possível ver todas ao mesmo tempo. No encerramento do ensaio, Duda junta todas e explica como será a divisão das dançarinas em relação ao calendário de shows do DJ guiguinho, quantas e quais farão determinados shows. Mais tarde, no caminho de volta Duda diz que tem que deixar tudo “explicadinho” para não ter problema e que tenta organizar de forma que todas participem e seja igualitário, já que algumas são mães, têm dificuldades financeiras e o dinheiro que recebem do show faz diferença na vida delas. Pergunto à Duda quanto elas ganham por apresentação, Duda me responde: “150 porquê é um Dj fudido igual a gente, o certo era pra ele pagar ensaio e show, mas só paga show, se fosse um DJ maior, pagaria e seria mais”.

Esse outro, e último, relato de campo que trago a seguir, não necessariamente se deu cronologicamente depois do relato anterior. A forma que escolhi articular as narrativas do campo em questão dizem respeito menos sobre a ordem que aconteceram e mais sobre o argumento que defendo aqui, a agência feminista de Duda.

Na pesquisa de campo acompanhando Duda em sua circulação pela cidade do Rio de Janeiro, trago também para esse Artigo um outro trecho de campo em que estive em um baile funk, no Complexo do Alemão, onde ela se apresentou como dançarina no show do DJ guiguinho tenebroso. Não o show que ela produziu e coreografou (que eu acompanhei ensaios e trouxe um trecho de campo anteriormente), mas um show mais “livre” segundo ela.

O instigante de fazer pesquisa de campo para produzir uma etnografia é que, de uma experiência de campo, o que pode ser introduzido na etnografia não é algo, *a priori*, que tenha os aspectos clássicos do tema de interesse em questão, mas algo que tangencia a temática, manifestando aspectos do interesse de pesquisa, mas pelos termos do próprio campo, que não necessariamente são os aspectos que o pesquisador/a chegou em campo para observar.

É o caso do trecho que trago nesse momento. Fui acompanhar Duda como dançarina no baile a fim de vê-la agenciando gênero junto com o funk carioca, especificamente, nesse caso, enquanto dançarina. O que relato a seguir escapa dos parâmetros que, ainda, enquanto pesquisadora eu estava erroneamente articulando, quando fazer trabalho de campo, na verdade é se deixar articular pelas indeterminações que vão se articulando.

Era uma sexta-feira no Rio de Janeiro, e, para minha surpresa, Duda marcou para nos encontramos na entrada do morro às 00:00h do, agora, sábado. Saio de casa ainda na sexta-feira, e chego no local umas 23:00h. Duda chega logo em seguida e percebemos que não é o mesmo local que eu estou, digo a ela que pode subir sem mim e ela afirma – via aplicativo de mensagem instantânea, o *WhastApp* – que não vai subir sem mim. Peço sua localização em tempo real, encontro um mototáxi (também nordestino) que logo entende minha aflição, me tranquiliza e vou ao encontro de Duda. Chegando lá ela está com sua “comadre”, Bia, uma moça muito simpática, negra, com tranças, da baixada fluminense, que, igual a mim, iria a um baile funk pela primeira vez, pois, segundo ela, por morar no que é considerado “roça” (mais no interior do estado) sua mãe não a deixava ir ao baile quando mais nova.

Nos cumprimentamos, Duda nos apresenta e eu agradeço à ambas por terem me esperado. Elas estão em um restaurante, sentadas, aguardando seus respectivos pedidos chegar. Enquanto estamos esperando, as duas continuam o assunto que eu entendo que estava acontecendo antes da minha chegada. A pauta que guiava o diálogo entre as duas – e que perdurou durante o campo nesse dia – era o marido de Duda, Neto, e o marido de Bia, juntos, cuidando da recém-nascida Naíra, filha de Bia, que agora entendo que é uma mulher no puerpério. Durante as conversas delas achando engraçado ambos os homens um tanto quanto confusos ao se verem cuidando de uma criança, e, por isso, não paravam de mandar mensagens para suas respectivas esposas, Duda e Bia, Duda olha para mim e diz: “*é a primeira vez que Bia sai de casa e deixa o pai cuidando da filha, os dois estão loucos mandando mensagem para gente*” todas rimos e Bia me mostra no celular sua

filha, orgulhosa e também feliz. Eu completo: “ah que legal, é sua primeira vez no baile e também para se divertir um pouco”. Ambas respondem, em tom de empolgação: “ahan!”

Após elas se alimentarem, encontramos o DJ guiguinho com sua equipe, a outra dançarina, Letícia, e seus dois amigos. Subimos de moto e chegamos no baile. Foi legal observar uma outra pessoa, para além de mim, descobrindo mais um território do Rio de Janeiro, Bia, assim como eu, se surpreendia a cada novidade do local, seja na quantidade de pessoas, de armas, de seguranças, de drogas e de som alto. Enquanto nos encaminhávamos para colocar a pulseira da área vip do baile, Bia olha para mim, segura minha mão para que eu fique logo atrás dela em meio à multidão, olha para mim e balbucia: “fica tranquila, tá?”.

Quando chegamos na área vip, em frente ao palco, em meio ao som alto da banda de pagode que estava tocando, Duda conversa com o DJ e entende que eles se apresentarão mais tarde do que o que foi informado a ela, e a Bia, que é pega de surpresa com o imprevisto. Conforme o tempo passa, Duda vai se preparar, na lateral do palco, para entrar no show, e o semblante de Bia está mudando de empolgação para um pouco apreensiva, não parava de olhar seu celular. Pergunto para ela: “está tudo bem?” Ela me diz: “se eu soubesse que seria tão tarde, não teria vindo. Meu marido não para de me mandar mensagem dizendo que Naíra não para de chorar, estou me sentindo culpada”. Mesmo com o som nas alturas do DJ guiguinho e Duda se apresentando – meu, então, interesse de pesquisa – percebo que na minha frente tem uma mãe, puérpera e em sentimento de culpa por estar longe da filha. Embora a situação seja completamente desconhecida para mim, pois não sou mãe, tento confortá-la dizendo para não se sentir culpada e que é importante, também, para o pai, e sua relação com a própria filha, passar por esses momentos... Bia me escuta, mas parece que era mais uma palestra *coaching* de maternidade de uma pessoa que não tem filho.

O show acaba, Duda desce do palco, bebe uma água, se despede do DJ, olha pra Bia e diz: “*vumbora*”? Bia diz: “por favor!” Descemos do morro a pé, já que não tinha moto por ser muito tarde, era umas 4:00h da manhã. Um dos rapazes da equipe do DJ guiguinho desce conosco pois levará Duda e Bia para casa. Como eu moro em sentido oposto, vou pedir, no aplicativo de táxi, um carro para me levar até a minha casa. Enfatizo que Duda não precisa se preocupar, que pode seguir para a sua casa. Ela diz: “*nada disso, Nat! Entra no carro, a gente só vai embora quando tu entrar no uber*”.

Nesse tempo que estamos todos esperando o meu “uber” chegar, o rapaz da equipe do DJ não aparenta estar muito feliz com a espera. Duda ignora completamente a pergunta

dele de “vamos esperar, é?” e começa a falar com Bia: “[...] e ai, como Rafa [o pai de Náira] está com Náira?” Bia diz que está mais calmo e que a bebê parou de chorar. Duda reage: “cara, mas o Rafa tem que parar com isso, de te mandar mensagem, ele tem que dá um jeito, porque tua mãe também fica com ela e não fica te enchendo de mensagem quando ela chora, e com certeza ela chora. Sabe o pior? o Neto faria a mesma coisa e ia dá ruim demais [...]” Bia, nesse momento não mais triste e com sentimento de culpa, mas agora em tom de raiva reage: “cara, é... ele fica me mandando mensagem...que saco!” Duda continua: “é foda, ele tem que aprender a se virar, os homens são foda [...]”

Nesse tempo, meu “uber” chega, me despeço de Duda, Bia e o rapaz - que estava impaciente - e vou para casa, Duda diz: “avisa quando chegar”.

FEMINISMO SITUADO: A MOBILIDADE DE DUDA AGENCIANDO PROFISSÃO E BEM-ESTAR DE MULHERES

O curioso em se dedicar a produzir um material durante a própria experiência do trabalho de campo – que é a situação na qual me encontro – é colocar em perspectiva seus dados, desafiando-se, enquanto pesquisadora, a vislumbrar os caminhos que a pesquisa está tomando, em que, muitas vezes, os rumos se direcionam por prismas distintos daqueles pré-estabelecidos, e isso é fazer pesquisa. Há uma beleza nas indeterminações do campo e que não anula os desafios impostos ao pesquisador de se colocar, também, à vulnerabilidade que esse enredo propõe.

No momento que comecei a esboçar a ideia desse material, havia o interesse - e ainda há - de pesquisar as questões de gênero. Na atividade de me debruçar sobre o diário de campo, lê-lo, discuti-lo em orientação, percebemos – e em alguns momentos falo na primeira pessoa do plural porque essa é uma pesquisa com muitas pessoas e de muitas pessoas – que, na verdade, a pesquisa em campo com Duda fala mais sobre questões de feminismos do que de gênero. Com os três trechos que trouxe anteriormente, Duda não está elaborando sobre questões em torno do que é ser mulher, apenas, ela tem, enquanto mulher, agenciado um feminismo cotidiano reivindicando seu lugar enquanto profissional, a profissionalidade de outras mulheres, e o bem-estar feminino com o funk pela cidade do Rio de Janeiro.

Tanto na articulação da sua própria carreira na reunião da Casa da Juventude, quanto no ensaio, organizando a agenda das dançarinas colocando em perspectiva “quem

precisava mais”, e, trazendo sua “comadre” puérpera para se divertir e tranquilizá-la durante a noite, Duda está diligenciando em pró do feminino, no sentido individual, mas, sobretudo, coletivo. E, nesse sentido, ela tem costurado esse feminismo situado, em diferentes escalas, a partir dos diferentes espaços citadinos.

Comecei a esboçar a ideia de feminismo situado em um outro momento (Melo; Mizrahi, 2023, p. 248) em que dialogando com Duda e a “união feminina” que trouxe no meu argumento, sugiro que “[...] esse feminismo situado de Dudadancee no seu projeto de funk é construído na prática de ensinar a dança, por meio de relações”. A elaboração, aqui, se amplia em duas dimensões: na circulação de Duda pela cidade do Rio de Janeiro e no seu agenciamento envolvendo outras mulheres.

Nesse aspecto, duas teorias têm sido importantes para a presente pesquisa, a ideia de aprendizagem situada (Lave; Wenger, 1991) e a noção de socialidade (Strathern, 2006). A primeira teoria diz respeito ao aspecto de aprendizagem que está presente na vida social, diz menos sobre aprendizagem nos termos escolares e mais sobre as relações que compõem ensinar e aprender nas diversas esferas da vida em grupo. “A aprendizagem não está apenas situada na prática - como se fosse algum processo independentemente retificável que por acaso foi localizado em algum lugar; a aprendizagem é parte integrante da geração prática social no mundo vivido” (Lave; Wenger, 1991, p. 35). Com Duda sugiro um feminismo situado que vai sendo feito por ela em suas relações junto à sua atividade com o funk carioca, seja enquanto professora, produtora, amiga.

Esse feminismo situado reivindica presença, mas também lazer e o vejo presente tanto na aula de funk com as “gringas” que não querem aprender a técnica da dança, mas se divertir em seu passeio turístico no Rio de Janeiro, mas também na articulação de Duda pelo seu trabalho, como o foi na reunião que estive com ela na Casa da Juventude.

A segunda teoria fundamental para essa pesquisa é a socialidade, a lente teórica que faz sentido para pensar os elementos aqui esboçados.

Sociedade e indivíduo constituem um par terminológico intrigante porque nos convida a imaginar que a socialidade é uma questão de coletividade, que ela é generalizante porque a vida coletiva é de caráter intrinsecamente plural. Conquanto seja útil reter o conceito de socialidade para referir-se à criação e manutenção de relações, no que diz respeito à contextualização das concepções melanésias necessitaremos de um vocabulário que nos permita falar em socialidade tanto no singular como no plural. Longe de serem vistas como entidades singulares, as pessoas melanésias são concebidas tanto individual como individualmente. Elas contêm dentro de si uma socialidade generalizada (Strathern, 2006, p. 40)

A referida autora se guia pela ideia das relações compondo e descompondo as pessoas, e, nesse sentido somos mais compostos de relações do que podemos imaginar. Com Duda vejo que seu feminismo situado é articulado desde sua relação familiar composta sobretudo de “mulheres fortes” (Melo; Mizrahi, 2023), como em sua articulação para promover um momento de lazer para sua amiga puérpera, não apenas a levando consigo para conhecer um baile funk, mas promovendo palavras de apoio para uma mãe que se vê culpada por estar longe da filha. Esse feminismo situado é feito, sobretudo, de relações, pois, como trouxe anteriormente, eu também havia dito palavras de apoio para Bia, que aparentemente não surtiram efeito, pois eu era uma estranha para Bia (e vice-versa), já Duda, sua “comadre”, que vem construindo e mantendo essa relação específica, quando profere palavras para Bia, consegue um efeito, uma repercussão e Bia demonstra sair da culpa para um outro lugar, menos solitário, talvez.

No entanto, pensar sobre essas questões de feminismo e de gênero, mas, mais sobre o primeiro e menos sobre o segundo, para a minha surpresa, envolve também um posicionamento crítico frente outras problemas que fazem parte do debate feminista, como raça, etnia e classe. Eu não esperava encontrar em campo tantas mulheres “gringas”, seja como professoras, dançarinas e turistas. Esse elemento emergiu no campo e estou buscando seguir as pistas que o próprio trabalho de campo coloca. Com as “gringa”, então, surge esse elemento complexo de discutir o feminismo, mas colocar em perspectiva as disputas de raça e classe. Duda tem muita clareza sobre essas disputas, pois trabalha com as dançarinas “gringas”, mas entende que em determinado momento é preciso fazer decisão para proteger o que é “nosso”, como o funk, que o “gringo” vem e usa, numa espécie de apropriação.

A meu ver quem melhor traz as complexidades sociais para o debate feminista são as pensadoras negras, pois com suas respectivas experiências compreendem para a pauta questões próprias de mulheres pertencentes a outros grupos que as feministas brancas simplesmente não assistam em suas articulações teóricas, pois as vivências dessas últimas não dão condições para tal. “A partir desse ponto de vista, é possível afirmar que um feminismo negro [...] tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades” (Carneiro, 2003, p. 50). Em meu próprio campo as questões de raça se manifestam mais em relação à etnia, nesse aspecto das “gringas”, e, é com o debate proposto por feministas como Sueli Carneiro que consigo trazer as complexidades do mundo real para o feminismo situado que estou elaborando com Duda.

Não há como desconsiderar essas relações de poder em campo, Duda mesmo faz essa leitura quando concorda em trabalhar com dançarinas “gringas”, mas entende que em determinadas situações, com seu poder de decisão, é preciso se posicionar e priorizar o que vem sendo desenvolvido por mulheres e pessoas do próprio funk carioca. Trata-se, então de enxergar a discussão interseccional que tem circulado a minha experiência em campo (Crenshaw, 1989) a fim de não ignorar as experiências próprias de certas mulheres e valorar um outro grupo que tem sido enxergado unicamente ao longo dos anos. Me chama a atenção, por exemplo, que todas as alunas de Duda do projeto “do 0 ao funk” são negras, tanto na Rocinha como no Morro da Providência, algumas com filhos, enquanto todas as suas alunas que pagam aula individual (e online) são brancas. Como Duda, em sua agência feminista, encara as questões interseccionais que vão surgindo em sua circulação pelo Rio de Janeiro enquanto professora de funk?

Em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (Collins; Bilge, 2021, p. 17).

Duda, mais de uma vez, já afirmou que só participam das suas aulas gratuitas aquelas mulheres que moram em comunidades, que não têm condições financeiras de lhe pagar, aquelas que têm certo poder aquisitivo “*que pague minha hora/aula*”. Esse debate interseccional com o feminismo situado de Duda se faz junto com seu deslocamento pela cidade do Rio de Janeiro, em que ela decide que as alunas oriundas de comunidades terão acesso ao projeto de forma gratuita, e aquelas que têm como lhe pagar, pagarão. Incluindo, também, as alunas “gringas” que lhe pagam em dólar.

O Rio de Janeiro tem esse aspecto interessante de ser uma cidade composta por várias cidades dentro de si mesma. É possível, então, viver vários Rio de Janeiros ao fazer uma pesquisa circulando pelo território dessa metrópole. Aqui argumento que fazer pesquisa pelo Rio de Janeiro com interesse no agenciamento feminista de Duda, é, “[...] assim, ao mesmo tempo em que nos moveremos pelo rio de Janeiro, colocando em relação as suas partes, tangenciaremos tópicos como criatividade, objetos, imagens, religião, ironia, raça, relações de gênero” (Mizrahi, 2014, p. 33).

A pesquisa com Duda traz à tona uma investigação da sua agência como professora de funk no Rio de Janeiro, colocando em perspectivas as tensões próprias das

relações a fim de complexificar a atuação de Duda em sua circulação pela cidade por meio de elementos como o feminismo, gênero e raça. Por exemplo, com os pequenos trechos do trabalho de campo que trouxe aqui é possível apreender que Duda tem agido com sua mobilidade, pois está tanto em espaços como o MAM, Rocinha e a Casa da Juventude, no centro da cidade, mais especificamente no Morro da Providência, a primeira favela do Brasil que carrega no território um histórico de resistência (Bautés; Reginensi, 2013).

Já o MAM fica próximo ao centro histórico do Rio de Janeiro, especificamente no parque do Flamengo. Inaugurado em 1948 é um espaço que traz a arquitetura moderna e latino-americana em sua construção e exposição. O interessante do museu, em relação à arquitetura, é que sua edificação dá condições de explorar o local externamente, formando espaços que parecem “salas de aulas” a céu aberto. Lá Duda dá aulas, mas não só ela, uma série de outras atividades acontecem no espaço, sobretudo aos domingos, denominado de “Domingos da criação”. Assim, nesse texto, argumento que o agenciamento de Duda tem relação direta com a territorialidade do Rio de Janeiro, pois junto com sua mobilidade enquanto professora vai também sua mobilidade enquanto feminista, e seu feminismo situado articula a gestão da sua própria carreira, de outras professoras e bem-estar feminino, tanto da sua amiga como, também, das alunas “gringas”.

Quero levantar, ainda, outros tópicos que têm surgido com o trabalho de campo em relação às questões feministas. Aqui, aponto três desafios que busco encarar: o da generalização, o da interpretação feminista não-situada e o das representações ocidentais (Abu- Lughod, 1993, 1986). Assim, me interessa uma elaboração teórica que não generalize as mulheres, incluindo Duda, que encontro em campo, as essencializando (Brah, 2006); que tenha em perspectiva a crise interpretativa de um feminismo que não se situa e não entende sua posição na pesquisa; e que proponha um posicionamento contra um feminismo ocidentalizado, sem uma postura salvadora em relação às mulheres de outras comunidades (Abu- Lughod, 2012).

A fim de encarar tais desafios, o viés analítico de gênero ao qual me proponho é mais pelo que as mulheres estão fazendo, ou seja, a performatividade de gênero dessas pessoas, e menos pelos discursos estabelecidos em relação à mulher funkeira (Butler, 2019a). Com isso, não estou negando as regras sociais que existem em relação ao que é um corpo feminino e masculino. A partir das teorias de Butler (2019), apenas enfatizo que o meu viés investigativo é o que as mulheres estão fazendo, como estão fazendo,

especificamente: como Duda está produzindo feminismo junto com sua mobilidade pela cidade do Rio de Janeiro? De que modo essas aulas compõem sua agentividade em relação ao feminismo? Compreendo que as materialidades, nesse enquadre, compõem a produção de gênero – concordando com as elaborações de Mizrahi (2019) acerca da teoria de performatividade de gênero de Butler (1993) –, assim, me interessa apreender como esses aspectos se articulam juntos, em relação com essa professora de funk.

Para além dos efeitos das (re)produções políticas e estéticas em torno da mulher no funk, as “tecnologias de gênero” (Lauretis, 1944), a ideia de feminismo situado que trago nesse artigo complexifica essas relações a partir, também, de um “feminismo ciborgue” (Haraway, 2019) que, com Duda e sua produção feminista cria suas próprias formas de existir em seu fazer articulando profissão, carreira, bem-estar e trabalho. Assim, a performance de gênero se desenrola como sendo treino simultâneo de coisas, corpo, emoção e racionalidade (Mahmood, 2019).

Para me encaminhar e, conseqüentemente, encaminhar a pesquisa nesses sentidos acima, é preciso, sobretudo me dispor às indeterminações dos encontros (Tsing, 2019). Essa antropóloga, através, principalmente, da sua pesquisa com cogumelos, coloca a importância de fazer etnografia pela linha da indeterminação, sua própria etnografia se desenhou assim, pois trata-se de uma pesquisa que se propunha fazer uma etnografia sobre cadeias de suplementos globais se torna uma pesquisa com cogumelos para falar as ruínas do capitalismo (Tsing, 2015). E esse desafio toma outras proporções ao inserir a minha pesquisa, também, no cenário de uma investigação da antropologia feminista, colocando na mesa de discussão duas áreas que têm muitos pontos em conflitos, que é a antropologia e o feminismo, pois “[.] a maneira como o saber feminista organiza o conhecimento desafia o modo pelo qual o faz grande parte da ciência social, inclusive a antropologia” (Strathern, 2006, p. 55).

Para o momento, encerro a discussão desse texto, no entanto, como enfatizado ao longo do argumento, a presente organização textual é feita concomitante com o trabalho de campo, logo, muito do que foi esboçado aqui ganhará outras articulações com as próprias indeterminações do campo em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como primeiro esboço reflexivo a partir dos dados encontrados em campo nessa pesquisa em andamento, sugiro que a mobilidade de Dudadancee, com suas aulas de funk para diferentes mulheres em diferentes espaços no Rio de Janeiro, fomenta heterogêneas produções de gênero com e para os espaços citadinos a partir das marcações sociais de raça, etnia e classe social, não anulando, no entanto, algumas similaridades instigantes, pois também há confluências nessas produções de gênero ainda que com os diferentes espaços e personagens.

Mais ainda, com o desenvolvimento do próprio trabalho de campo apreendo que, na verdade, a produção de gênero com Duda diz respeito mais à produção do feminismo que tenho desenvolvido junto à noção de feminismo situado. Assim, esse feminismo situado de Duda tem sido elaborado em diferentes frentes em relação direta à sua mobilidade pelo Rio de Janeiro.

Com os três trechos de campo que trouxe nesse texto busquei descrever a mobilidade de Duda junto ao funk carioca pelo recorte da produção de gênero, que no trabalho de campo assume a perspectiva de produção feminista. Duda agencia não só sua carreira, mas busca, também, fomentar a carreira de outras mulheres, produzir acesso à dança através do seu projeto social e bem-estar às mulheres, tanto as “gringas” como à sua “comadre”, sem anular, no entanto, as questões de relações de poder que estão embricadas quando o enredo se dá com as primeiras.

Tentei, também, trabalhar com as indeterminações de uma etnografia, trazendo para esse texto a importância de lentes teóricas feministas como a das pensadoras negras, que ampliam o debate para as complexidades sociais através da ideia de interseccionalidade, que nessa pesquisa se apresenta nessa relação conflituosa que Duda vivencia com as dançarinas “gringas”.

Para o presente texto minhas elaborações têm sem fim, no entanto, o trabalho de campo continua, me desafiando e desafiando a própria pesquisa em seu desenvolvimento. Estou agora, por exemplo, ampliando as perspectivas para as materialidades que estão em trabalho de campo junto à mobilidade de Duda.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila, **Writing women's worlds: bedouin stories**. Berkeley e Los Angeles, University of California Press, 1993.

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 451-470, 2012.

ABU-LUGHOD, Lila. **Veiled sentiments: Honor and poetry in a Bedouin society**. London: University of California Press, 1986.

ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita dos mundos de mulheres: histórias beduínas**. Papéis Selvagens, 2020.

BAUTES, Nicolas; REGINENSI, Caterine. Percursos e travessias no Morro da Providência: desafios das interações sociais e espaciais no jogo formal/informal. **Libertas**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18268/9509>. Acesso em 15 Abr 2024.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos pagu**, p. 329-376, 2006.

BUTLER, Judith. Ator performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In.*: LORDE, Audre et al. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019a.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo edições, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Anti-Discrimination Doctrine, Feminist Theory, and Anti-Racist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 140, 1989. p. 139-67.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, 1991. p. 1.241-99.

DAVIS, Angela. **Women, Race, and Class**. Nova York, Random House, 1981 [ed. bras.: **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo, Boitempo, 2016].

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In.*: LORDE, Audre et al. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019, p. 157-210.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. *In.*: HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. New York: Cambridge University Press, 1991.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 23, n. 1, p. 135-175, 2019.

MELO, Natália; MIZRAHI, Mylene. GÊNERO E APRENDIZAGENS NÃO ESCOLARES NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA PEQUENA ETNOGRAFIA. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 5, p. 243-251, 2023.

MIZRAHI, Mylene **A estética no funk carioca: criação e conectividade em Mr. Catra / Mylene Mizrahi**. - 1. ed. - rio de Janeiro : 7 letras, 2014.

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **cadernos pagu**,52, 2018:e185215.

MIZRAHI, Mylene. **Figurino funk: roupa, corpo e dança em um baile carioca**. 7 Letras, 2019.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia / Marilyn Satrthern; André Villalobos, tradutor**. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

TSING, Anna Lowenhaupt. Socialidade mais do que humana: um chamado para a descrição crítica. TSING, AL. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEAB Mil Folhas, p. 119-140, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world**. Princeton University Press, 2015.